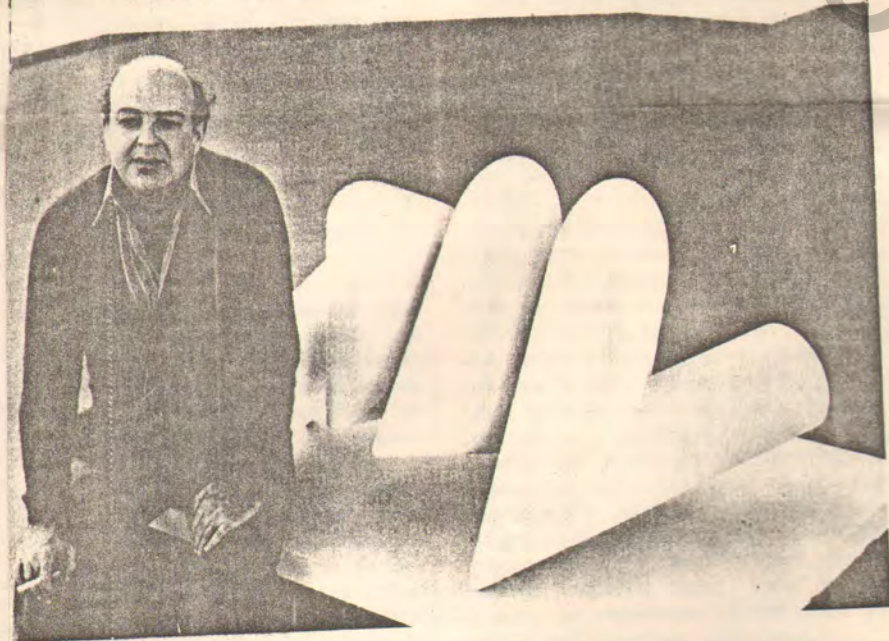


SERGIO CAMARGO 10 ANOS DEPOIS



A maior preocupação da direção do Museu de Arte Moderna ao programar a exposição dos trabalhos de Sergio Camargo era a de que a estrutura do salão principal no segundo andar suportasse o peso das peças selecionadas. Basta dizer que uma delas pesava 1.800 quilos. E pelo menos dez delas, em tamanhos diversos, feitas em mármore de Carrara, teriam que participar. Com certeza foi a exposição de peças mais pesadas que o MAM apresentou desde sua inauguração. O fato é que as esculturas de Sergio Camargo, apesar de todo peso estrutural, são donas de uma leveza incrível, parecendo pousadas na superfície como o enorme relevo em concreto, medindo 25 m por 3,5 m que se encontra em Brasília, no Palácio dos Arcos.

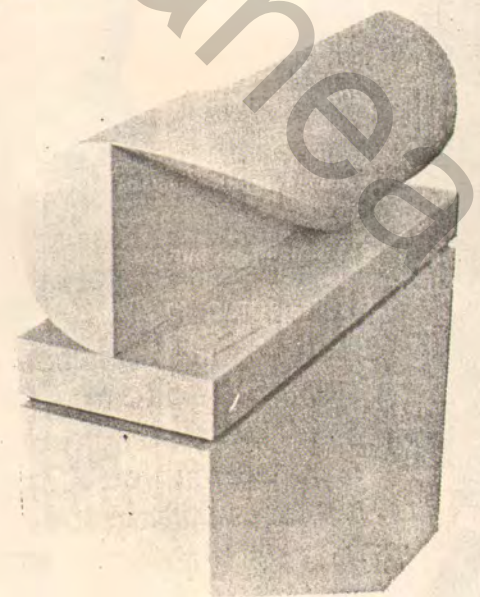
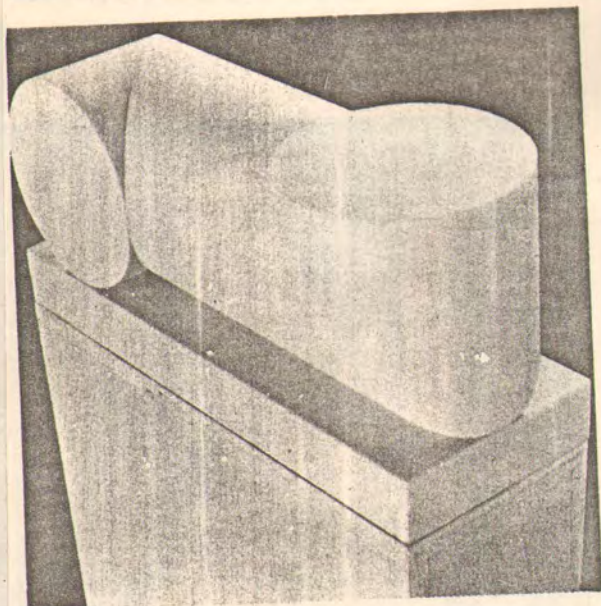
O RETORNO

Passados 15 anos desde que Sergio Camargo partiu para a Europa, sua

obra correu o mundo e sua arte ficou entre nós nas galerias, nos jardins, nos livros, nas enciclopédias. A exposição realizada em maio mostrou relevos em madeira e esculturas em mármore de Carrara, da fase 1963-73, e estava dividida em duas partes: as peças maiores no MAM e as menores na Galeria Luis Buarque de Holanda & Paulo Bitencourt.

— Se não voltasse agora, não voltaria mais. Iria tornar-me um artista internacional desenraizado. E isto é muito difícil para um latino-americano, diz ele.

Carioca de Copacabana, 45 anos, Sergio estudou inicialmente em Buenos Aires com Emilio Petorutti e Lucio Fontana na Academia Altamira, de Buenos Aires, seguindo depois para a Europa (1948) onde, além de cursar Filosofia na Sorbone, conheceu Brancusi, Arp e Vantongerloo, artistas que influenciaram sua obra.



...os seguintes Sergio Camargo
...o Brasil, ajustando sua obra de
...r a diferentes níveis de aproxima-
...o ou recusa do real. Mudando-se
... Paris, em 1961, e projetando-se
...nacionalmente com o primeiro
...rio de escultura na Bienal de Pa-
...s, ele logo define sua obra em ter-
...nos e preocupações em que ela hoje
...inda se desdobra, "aproximada, mas
...também diferenciada da de muitos de
...seus companheiros latino-americanos
...de vivência européia, como Le Parc,
...Cruz-Diez, Soto, Demarco e tanto ou-
...tros", segundo o crítico Roberto Pon-
...tual.

— Não sou um escultor, no sentido
clássico do termo, diz Sergio. Não es-
culpo o material. Ele é cortado e co-
lado por meios puramente mecânicos.
E as peças têm formas básicas. Ge-
ralmente, cilindros ou cubos cortados
em transversal.

DEZ ANOS DEPOIS

O que se costuma chamar de fase
atual da obra de Sergio Camargo co-
meçou em 1963. Até lá, houve enca-
minhamento. O primeiro trabalho foi
abstrato, um bronze polido feito em
1951. De volta de uma temporada na
Europa, Sergio percebeu que estava
buscando outra coisa: de 1954 a 1956
interessou-se por usar a figura como
suporte, e não como tema, de modo
a através dela estruturar a massa. Mais
adiante, levou as figuras novamente
até uma indefinição, com formas em
maior liberdade, outra vez abstratas,
porém já evidentemente construídas.
Foi aí, segundo o próprio Sergio que
ele se aproximou do concretismo, sem
se ligar a ele, numa fase que durou
pouco e que ficou apenas em estágio
de maquete, de especulação plástica
em torno do problema das tensões re-
sultantes de dobras de chapas de
metal.

O momento de transação fundamental
ocorreu quando Sergio mudou-se para
Paris, fixando-se nessa cidade em
1961. Dentro do formalismo reinante,
quis transcender os limites da forma.
Começou a trabalhar em invertido so-
bre a areia. Numa superfície predeter-
minada de areia, fazia furos com o
dedo, jogava gesso e obtinha o molde
para o trabalho definitivo em bronze.
Com isso havia deixado o âmbito tri-
dimensional e ido para o plano, surgin-
do a questão do serial no seu traba-
lho: a repetição de furos na areia,
dando ritmo a superfície, foi a base do

que viria em seguida, os relevos em
madeira.

Classificar em que gênero a arte de
Sergio Camargo se encontra tem sido
difícil aos críticos. Para Mario Pedro-
sa, "a dificuldade com a obra de Ca-
margo é que ela não é nunca abstrata.
É sempre concreta, mas longe dos câ-
nones severos da arte concreta".

A importância do trabalho de arte co-
mo o de Sergio Camargo para o nosso
ambiente cultural pode ser localizada,
segundo explica Ronaldo Brito, sobre
tudo em dois pontos. Primeiro, pela
lógica cerrada de seu processo de pro-
dução, vinculando a arte à uma idéia
de seqüência de investigação intelectual,
ele atua de modo a transformar
toda uma política vigente de olhar arte.
Contra o consumo apenas visual e de-
sinteligente, esses trabalhos exigem
uma leitura que tome a arte pelo que
ela é: um modo específico de conhe-
cimento, paralelo à ciência e à filosofia
e tão afastado quanto elas do dis-
curso da doxa, o chamado senso-co-
mum. O segundo ponto talvez seja
mais difícil demonstrar. Trata-se da
vinculação do trabalho de Sergio Ca-
margo à problemática de uma arte la-
tino-americana. Porque o seu construi-
tismo não só é racionalista como,
muito possivelmente, também não é
europeu.

EM TODO O MUNDO

Há obras de Sergio Camargo nos prin-
cipais museus e coleções particulares,
no Brasil e no estrangeiro. É dele um
muro de 30 m por 4,60 m, em concreto,
no Palácio dos Arcos, em Brasília;
uma escultura em mármore branco
com 7 m de altura e pesando 13 tone-
ladas, em homenagem a Brancuzzi e
que se encontra no campus da Uni-
versidade, frente à Faculdade de Me-
dicina de Bordeaux; no Museu de Sa-
bles, Porte Barcarès no sul da França,
existe uma outra, em mármore, com
4 m de altura, e uma torre modulada
em Trondheim, na Noruega.

Os trabalhos em madeira são o forte
da produção de Sergio Camargo, cria-
dos em seu atelier de Paris. Quando
descobriu o mármore, montou outro
atelier nas imediações de Carrara, na
Itália. Ali, além de poder escolher o
material na própria jazida, ele conta
com recursos técnicos e mão-de-obra
excepcionais. O mármore fosco, nunca
polido, pode-se dizer, "vale quanto
pesa": as esculturas variam entre 25
a 160 mil cruzeiros, cada uma.

